

Os Subterrâneos da Linguagem nos Hinos

Prof. Dr. Jean Lauand

Prof. Titular Feusp - jeanlaua@usp.br

Resumo: O que é evidente, não se diz: “goes without saying”. Esta é também uma regra importante na hermenêutica: como desconhecemos as “evidências não ditas” de um autor antigo, não podemos interpretar seu texto sem decifrar essas evidências (para ele, mas não para nós). O artigo discute algumas palavras e significados esquecidos no hino do Flamengo e em outros hinos de clubes brasileiros.

Palavras-Chave: Hermenêutica. Linguagem. Hinos do futebol.

Abstract: When something is obvious there is no need to say it: “goes without saying”. This is also an important rule of hermeneutics: as we don’t know the “unsaid obvious” of an ancient author, we can not understand his text without finding these obvious (for him, but not for us). This paper discusses some forgotten words (or meanings) in Flamengo anthem (and in other brazilian football teams anthems).

Key-words: Hermeneutics. Language. Football anthems.

O essencial não dito

Em seus estudos sobre a interpretação de autores antigos, o filósofo Josef Pieper lembra uma importante regra da hermenêutica: é preciso estar atento às evidências, que não se expressam. De fato, sobre o que é evidente não se fala e, muitas vezes, trata-se do mais importante: que o autor antigo não expressa, precisamente porque é evidente, para ele e para os leitores de seu tempo (mas não para nós...). Heidegger, em sua interpretação de um texto de Platão, chega a dizer que a doutrina de um pensador está no “não-dito no dito”. Essa regra básica - também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... - é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “goes without saying”, “ça va sans dire” (“selbstverständlich” ou “per se notum”...), são - nas correspondentes línguas - simplesmente modos alternativos de dizer: “evidente”.

De fato, com o passar do tempo, mudam as ideias e as *vigencias* (Ortega y Gasset), aquelas formas sociais que todos assumem conatural e inconscientemente e, para as novas gerações, o texto no qual estavam implícitas - deixadas ao “*por supuesto*”, “*taken for granted*” -, torna-se incompreensível para o leitor.

E a possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado pelo autor antigo fica condicionada pela surpresa ante os saltos lógicos e as brechas que - *para nós* - o texto apresenta. Por exemplo, o caso de um desses essenciais invisíveis em Tomás de Aquino, estudado por Pieper: O Aquinate ao formular o conceito de verdade das coisas diz: "O real é chamado verdadeiro, na medida em que realiza aquilo para o que foi ordenado pelo espírito cognoscente de Deus" e que isto se torna *evidente* pela famosa definição de Avicena: "A verdade de uma coisa é a característica própria de seu ser, que lhe foi dada como propriedade constante". Esta conexão, era evidente na Idade Média, mas para nós não o é de modo algum, é antes quase incompreensível.

Tomemos um exemplo mais modesto. Alguém que queira interpretar um texto, digamos, de 1960, no qual um pai se lamenta: “- Tive que tirar meu filho do colégio estadual e matriculá-lo num colégio particular”, tem que tomar o cuidado de estar atento à *vigencia* da época: a incapacidade do filho de acompanhar as exigências do elevado nível do ensino médio público, então, em geral, muito melhor do que o privado. E não com a inversa *vigencia* de hoje (após o sucateamento do ensino público), na qual a única interpretação da mesma frase seria: “- Que pena ter de pagar para ter um ensino de melhor qualidade!”

Por vezes, abre-se uma possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado por um autor antigo, quando somos surpreendidos por – *para nós* – saltos lógicos e brechas que o texto apresenta. É o caso do verso do hino do Flamengo, que discutiremos neste estudo: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.”

Os anacronismos dos hinos

Quando nos detemos a analisar as letras dos hinos em geral – e também os (oficiais ou não) dos times de futebol – frequentemente nos deparamos com uma linguagem estranha: ufanismos mais ou menos ridículos; belicismos, anacronismos; exortações que tinham sentido na época em que foram compostos, mas não hoje; etc.

A *Marselhesa*, por exemplo, convoca os cidadãos a saciar a terra com o sangue impuro dos soldados ferozes que vêm degolar nossos filhos e nossas mulheres... E os jogadores do Paraguai, antes de enfrentar a Espanha, cantavam que o infausto cetro de Espanha os oprimiu por três centúrias, mas agora a Europa e o mundo aclamam o heroísmo do Paraguai, já livre do vil feudalismo: dobrai os joelhos, ó opressores etc. E o pior é que o hino, como símbolo nacional (ou do time...), é muito difícil de ser mudado: hino é hino...

O hino do Corinthians, por exemplo, composto em 1952, fala do futebol como “esporte bretão”, mas no lançamento da logomarca da Copa de 2014, o presidente da FIFA, Josef Blatter, começou seu discurso com o truísmo: “O Brasil é o país do futebol”. E o hino não faz menção à característica distintiva do Corinthians, evidente desde aqueles longos anos sem campeonato até 1977: a fidelidade de sua torcida. E designa o Corinthians como “campeão dos campeões”, o que hoje, na era das competições internacionais, não é propriamente o ponto forte do clube.

Uma sutil datação de época vem também no hino do São Paulo (1935), por meio da adjetivação: “Salve o tricolor *paulista*”, Se o SPFC é o “paulista” é porque reconhecia a existência de um tricolor sem mais, absoluto, *simpliciter*: o tricolor (o Fluminense). E é do Fluminense que falam os versos de Chico Buarque: “O radinho contando direito / A vitória do meu tricolor” (se bem que o autor seja *também* tricolor são paulino). Mas, hoje, o São Paulo é mais importante: campeão de 6 brasileirões (contra 1 do Flu); 3 Libertadores (0 do Flu); 2 Mundiais (0 do Flu) e pode reivindicar para si ser: o tricolor. Do mesmo modo, o hino do Santos, ao afirmar-se “glorioso alvinegro praiano”, reconhece implicitamente a precedência de outro alvinegro...

O hino do Palmeiras também traz seus fósseis. Composto em 1949, ainda fala em “linha atacante”, de acordo com os primitivos esquemas táticos. E afirma que o Palmeiras “sabe ser brasileiro”: e é que, poucos anos antes, com o Brasil em guerra contra a Itália, o clube teve que mudar o nome Palestra Itália.

Além disso, sempre nos hinos, corre-se o risco de, no presente ou no futuro, cair na armadilha do “*Excusatio non petita, accusatio manifesta*” (desculpas expressas, acusações ocultas). Se no fim da primeira parte da aula, eu digo aos alunos: “- Podem ir para o intervalo sossegados que eu não vou roubar nada das bolsas de vocês”, o melhor que eles podem fazer é levar consigo seus pertences e trancá-los a sete chaves... Assim também há afirmações que soam como suspeitas, como a do hino que diz que o Palmeiras “transforma a lealdade em padrão”... Ou a do Santos que se afirma “campeão absoluto deste ano”, o que, por longos períodos, ficou longe da realidade.

Mas voltemo-nos para o hino do Flamengo, que esteve em destaque no ano de 2009, quando o time conquistou o campeonato brasileiro; e, mais recentemente, em meio à enxurrada de infames piadas no caso do goleiro Bruno - Elisa Samudio (“Flamengo até morrer...”; “ele me mata, me maltrata...” etc.).

Clube de Regatas Flamengo

O hino do Flamengo , no site oficial do clube, diz:

Uma Vez Flamengo
Sempre Flamengo
Flamengo sempre eu hei de ser
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar
Seja na terra, seja no mar
Vencer, vencer, vencer
Uma vez Flamengo,
Flamengo até morrer
Na regata ele me mata,
me maltrata,
me arrebatava de emoção no coração
Consagrado no gramado
Sempre amado
Mais cotado nos Fla-Flus
É o ai Jesus
Eu teria um desgosto profundo
Se faltasse
O Flamengo no mundo
Ele vibra, ele é fibra, muita libra,
já pesou
Flamengo até morrer, eu sou.

O flamenguista de hoje não tem a menor ideia do que possa significar a celebração de seu time no verso de seu hino composto há 70 anos : “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.”

Sim, sem dúvida, o Fla vibra e ele é fibra (hoje, se diria: raça, garra ou atitude, mas ainda se compreende “fibra”), mas que raios: é pesar libra, “muita libra já pesou”?

A confusão é tanta, que muitos alteram o verso para, o ainda mais incompreensível: “muita libra já *pensou!*” É o caso de uma revista de educação, que sugere aos professores a análise de hinos dos clubes – e expressamente o do Flamengo – como atividade escolar, com propostas de plano de aulas: “Leia a letra para os alunos e questione sobre o que entendem quando alguém diz vencer, vencer, vencer... uma vez Flamengo, Flamengo até morrer. Deixe que falem o que sabem. Etc. ¹”. Mas não diz o que o mestre deve fazer quando os alunos perguntarem o que significa ser o “Ai, Jesus” ou o que é “pensar libras”?

E, na bela interpretação de Jorge Ben Jor, o modo como é cantado o verso “muita libra já pensou” parece sugerir uma interrogação, como se indagasse: “Você já parou para pensar na inigualável quantidade de maravilhosas libras que o Flamengo já pensou?” – o que até funcionaria se em vez de “libra” disséssemos “taça” ou “conquista”. Mas, com “libras” é puro surrealismo!

Mas, afinal, o que significa “muita libra já pesou”?

Para responder a essa questão, é necessário antes de mais nada lembrar que o hino do Flamengo foi composto numa época de transição do clube. Se hoje o Flamengo é antes e acima de tudo futebol; em 1895, quando foi fundado, o esporte por excelência era o remo. O ano de 1942, quando o hino foi composto, é um

¹<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/hinos-brasileiros-produto-cultural-427334.shtml>
Acesso em 05-10-10.

momento de transição no interesse da torcida: o remo ainda tinha importância (o remo do Fla, em grande fase, foi tetra-campeão carioca de 40 a 43), mas o futebol crescia mais e mais (impulsionado pelos grandes craques do Fla: Yustrich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Valido, Jarbas e Zizinho) Daí, os dois polos no hino, com muitas referências à regata.

E é na regata que se decifra o “pesar libras” (a solução que apresento pareceu admissível ao especialista Fernando de Campos Mello, Mestre pela EEFE-USP e Supervisor Técnico de Remo do Esporte Clube Pinheiros, a quem consultei). “Pesar libras”, no hino de Lamartine, é sinônimo de vitória! Vejamos.

O remo é um esporte que envolve complexas regras de pesagem. Nas atuais regras da Confederação Brasileira, encontramos, por exemplo:

É unicamente da equipe a responsabilidade de que os barcos tenham o peso mínimo exigido. A balança deve indicar o peso do barco com um dígito após a vírgula e deve estar disponível para as guarnições pelo menos 24 h antes da primeira prova da competição. A seleção de barcos a serem pesados é feita através de um sorteio.

E concluída a prova, entre os protestos e objeções que podem levar à impugnação do resultado, está o da pesagem do barco *vencedor* (ninguém vai exigir o “anti-doping” do barco que ficou em último lugar); pesagem que, na época, era em libras, por influência britânica (como as jardas nas medidas do futebol ou o sistema de contagem de pontos no tênis).

Pesar libras é homologar vitória! Vitória que se confirma ou é impugnada na pesagem. Por exemplo, nos Jogos Sul-americanos de Buenos Aires-Mar del Plata, nossas meninas do remo arrasaram: subiram ao pódio em 22 das 24 competições: ouro nas categorias k4 200m, k4 1000m e k4 500m. Na categoria k2 200m, Bruna e Ariela também chegaram na frente na disputa final, mas, no tira teima da pesagem, acabaram desclassificadas: segundo a balança (argentina...) o barco estava 50 g (0,11 libras) abaixo do limite de peso!

“Ai Jesus”

Outra passagem enigmática (hoje) do hino é o “Ai Jesus”. Na época (e ainda hoje em Portugal) significava simplesmente: o queridinho, o xodó, aquele por quem todos suspiram: “ai, Jesus”. E, de fato, no hino, encontramos-lo substantivado: o “Ai Jesus”. Assim, em Urupês (1918), Monteiro Lobato diz: “Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras (...) o caboclo é o ‘Ai Jesus’ nacional!”. E em 1950, Rachel de Queiroz escrevia para “O Cruzeiro”: “Se fosse homem, tirava uma carta, comprava um caminhão e ia pra estrada. O caminhoneiro é um *bon vivant*, não tem patrão nem horário, dorme onde bem lhe apraz, seu teto é o céu cheio de estrelas, e é o ai-jesus das mulheres...”

Anacronismos? Mas como em hino não se mexe, cada time continuará “glória do desporto nacional”, com “páginas heróicas imortais”, “sempre altaneiro”, “com seu pendão”, “adentrando o gramado em que a luta o aguarda”, “bem amado, com glórias que vêm do passado”...